

# Crenças e atitudes de variedades linguísticas no nordeste brasileiro: como universitários de uma zona de fronteira dialetal percebem a língua portuguesa?

Cezar Alexandre Neri Santos<sup>1</sup>

## **Resumo**

*O artigo tece considerações sobre crenças e atitudes linguísticas de graduandos do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas em relação a variedades do português brasileiro e, em especial, de variedades linguísticas nordestinas, por meio dos depoimentos de informantes voluntários – no total, cinco alagoanos, dois baianos e um paulista –, acerca de identidade e de consciência linguísticas. Para tal, valen-se de questionário semiestruturado online, com uso de falas-estímulo, em prol do debate e da caracterização do cenário sociolinguístico do locus pesquisado – uma zona de fronteira político-administrativa do sertão nordestino –, com a proposição de destacar as avaliações subjetivas acerca da diversidade linguística.*

**Palavras-chave:** *Crenças linguísticas. Atitudes linguísticas. UFAL - Campus do Sertão*

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do Curso de Letras/Português do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas. Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

## **Crença e atitude linguísticas**

A percepção da diversidade linguística é um dos fatos mais latentes quando de um contato humano. É da natureza da espécie a avaliação subjetiva da língua(gem) do outro, nos âmbitos individual e/ou social, o que permite (auto)(r)representações, dada a dimensão ideológica intrínseca desta ação. Uma vez que, em sociedade, (auto) valores demarcam espaços e norteiam ações e comportamentos, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas se apresentam como importantes e necessários em contextos pretensamente monolíngues, como o português brasileiro (PB), permeado de embates nos campos sociopolítico, histórico, ideológico e econômico.

Estudos desta natureza costumam revelar características tais como *preconceito, estigma, aversão, estereótipos*, dentre outros termos próprios de investigações no âmbito da Psicologia. Tais características afetivas, cognitivas e atitudinais devem ser consideradas na tarefa de auferir quantitativamente graus de percepção e avaliação subjetivas. Os valores aplicados à língua alheia e a sua própria, tal qual ocorre com outros fatos sociais, como o vestuário e a comida, podem ser abordados pela Psicologia Social e por premissas da Sociolinguística e da Dialetologia Perceptual. Botassini (2015) assinala a importância e os objetivos de tais investigações para a Sociolinguística, em última análise:

Pesquisas sobre Crenças e Atitudes Linguísticas podem ampliar a discussão sobre os fatores de mudanças linguísticas, sobre a influência no aprendizado de segundas línguas, sobre as questões de prestígio e desprestígio – que levam ao preconceito não só em relação à língua que o outro fala, mas também em relação à comunidade desses falantes (BOTASSINI, 2015, p. 102).

Entendendo que a variação e a mudança linguísticas também podem ser discutidas por um viés estilístico, os estudos sociolinguísticos se mostram eficazes na percepção da heterogeneidade social da linguagem. Tendo evidenciado avaliações subjetivas no campo político-ideológico, na década de 1960, William Labov passou a considerar, em suas investigações, a relação entre o sistema linguístico e fatores extralinguísticos como influenciadores e promovedores da heterogeneidade linguística, ampliando o espectro de possibilidades de estudos da linguagem por um cunho social. Seus postulados, ao focar na correlação entre estratificação social e fatos linguísticos, distinguem três aspectos, a saber: *marcadores, indicadores e estereótipos* (LABOV, 2008[1972]).

No Brasil, os estudos têm demonstrado um diálogo entre os postulados da Sociolinguística e da Dialetologia. Em regiões sem fronteiras internacionais, como é o caso do Nordeste brasileiro, costuma-se focar qualitativamente nas percepções de (auto) consciência de comunidades de fala e de prática, a exemplo dos trabalhos de Aguilera (2008a; 2008b), Guedelha (2011), Botassini (2015), além da proposta de uma caracterização do PB, como o estudo de Freitag et al. (2015). Já em territórios multilíngues ou com uma diversidade dialetal, as investigações costumam vincular-se à *Dialetologia Perceptual*. Alguns estudos têm focado na relação entre o PB e as línguas superstratos nas regiões Sul e Sudeste, principalmente em zonas de fronteira com outros países sul-americanos ou em comunidades multilíngues de contato, como os estudos de Corbari (2013), com línguas de herança em territórios paranaenses, e de Margotti (2004), acerca da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

Questões identitárias idiossincráticas precisam ser desveladas, em prol da ratificação do argumento de que o PB não é homogêneo e que os brasileiros não falam uma única língua. Assim, este trabalho tem dois objetivos: i) definir o grau de consciência e de estima dos informantes quanto ao seu modo de falar; ii) compreender o grau de percepção, crenças e atitudes dialetais de falares estaduais do Nordeste, a saber: alagoano, baiano, sergipano e pernambucano. Como justificativa, entende-se que detectar o grau de (des)prestígio de uma variedade de língua se faz importante à medida que os fenômenos linguísticos marcam socialmente variantes de variáveis ou mesmo variedades linguísticas. Como exemplo disso, pode-se citar o estigma sociolinguístico sofrido por usuários de falares do Norte e do Nordeste do Brasil, uma vez que tais falares, mesmo que abarquem capitais com alto índice de desenvolvimento humano e econômico, como Salvador, Recife, Fortaleza, Belém e Manaus, ainda carregam em si representações sociais negativas, principalmente quando em comparação com falares do Sul e do Sudeste do país, de onde são tomados os modelos linguísticos do país.

Deste modo, posto que a língua sempre expressa relações de poder, justifica-se a coleta de dados sociolinguísticos nos sertões do Brasil, tanto pela quantidade ainda parca de estudos sobre este tema, haja vista boa parte das investigações concluídas ter tido como *loci* de pesquisas as capitais dos estados, portanto, o litoral. O ainda pequeno número de pesquisas na área não é uma especificidade da lusofonia, mas também pode ser observado entre hispano-falantes (BLAS ARROYO, 1999). No caso do Brasil, pode-se vincular tal lacuna especialmente à quantidade ainda parca de estudos sobre este tema nos sertões do

país, uma vez que as investigações têm historicamente focado majoritariamente nas capitais.

Entre os trabalhos concluídos sobre crenças e atitudes linguísticas que se valeram, de algum modo, do falar alagoano, citam-se dois deles: i) a Tese de Doutorado de Cardoso (2015), defendida em 1985, que comparou, à época, a fala aracajuana com a de outros falares, dentre os quais o alagoano; ii) o artigo de Mota (1994), que, nos idos de 1970, se valeu de uma fala-estímulo de um colaborador alagoano para um estudo desta natureza. No entanto, desconhecem-se estudos acerca da temática no sertão nordestino, de modo que pesquisas futuras podem/devem focar na busca por caracterizar graus de *nordestinidade*, considerando aspectos linguísticos. Exemplificando um estudo sociolinguístico com *corpora* da região, cita-se o Projeto LUSA (Língua Usada no Sertão alagoano), coordenado pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elyne Vitória, docente do curso de Letras-Português deste *campus*.

Esta pesquisa se impõe pelo ineditismo de dados desse *locus* e pela estratificação da pesquisa: graduandos de um recente *campus* universitário no sertão alagoano – seis anos de fundação – numa zona de fronteira político-administrativa no Nordeste brasileiro. Com esta escolha, considera-se importante detectar: (i) o que estes informantes sabem e avaliam sobre as diversas variedades linguísticas do PB, em geral; (ii) e como eles percebem seu próprio modo de falar no plano da alteridade.

### **Descrição da comunidade pesquisada: o Campus Sertão da UFAL**

A Universidade Federal de Alagoas iniciou seu processo de interiorização em 2005, com a implantação de unidades de ensino nas cidades de Arapiraca, Palmeira dos Índios e Viçosa, que perfazem o *Campus* Arapiraca, abrangendo o agreste alagoano. No semestre letivo de 2010/1 inaugurou-se o *Campus* do Sertão, nas cidades de Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia, completando a presença da UFAL nas três mesorregiões do estado – Litoral, Agreste e Sertão. A cidade de Delmiro Gouveia, com uma população estimada em 2015 de 51.997 habitantes, segundo dados do IBGE, sedia o *campus* onde estudam os informantes desta investigação<sup>2</sup>. É o município mais distante da capital Maceió – cerca de

---

<sup>2</sup> Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=270240>>. Acesso em: 29 de Mar. 2016.

280 km – e possui uma situação geográfica *sui generis*: faz fronteira com outros três estados nordestinos, a saber, a oeste, com o município baiano de Paulo Afonso; ao sul, com Canindé do São Francisco, em Sergipe; e, ao norte, com Petrolândia, em Pernambuco<sup>3</sup>.

Por sua adesão ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu-MEC), este *campus* universitário tem acolhido servidores e discentes oriundos de diversos estados, mesmo que majoritariamente dos quatro estados de fronteira, a exemplo de outros estados nordestinos e de São Paulo e do Paraná. Não raro ouvem-se comentários positivos acerca do sotaque paranaense de uma das docentes do *campus*, o que permite destacar um dos modelos linguísticos destacado pelos alunos nativos. Interessante perceber que, mesmo sendo esta professora natural do interior do Paraná, ratifica-se que modelos linguísticos são subjetivos, pois seu modo de falar se vincula ao dialeto caipira, principalmente pelo /r/ retroflexo.

Assim, num contexto geográfico idiossincrático – zona sertaneja urbana, historicamente pouco considerado quanto à aplicação de testes de avaliação subjetiva sociolinguística, uma vez que boa parte destes estudos focam a visão de informantes cosmopolitas em relação aos falares interioranos, entende-se como válido e útil a escolha de *loci* de inquéritos sobre relações sociolinguísticas de poder como o deste trabalho. Para tal, no item a seguir, destacam-se os procedimentos utilizados para a validação das informações coletadas na pesquisa.

### **Procedimento metodológico de coleta e seleção de informantes**

Configurando-se pioneira por trazer à tona respostas de informantes universitários da zona sertaneja nordestina, esta pesquisa quali-quantitativa abarca apenas respostas dadas pelo corpo discente do *campus*. Optou-se, para uma menor interferência na pesquisa de campo, pelo uso de uma ferramenta *online*, como um questionário com banco de dados; decidiu-se pela coleta por meio digital. Ao fim de novembro de 2015, procedeu-se com uma chamada pública de possíveis informantes pelas redes sociais *Facebook* e pelo

---

<sup>3</sup> Segundo informações da Coordenadoria de Registro e Controle Acadêmico (CRCA), os dados quantitativos da sede da UFAL - Campus do Sertão, na cidade de Delmiro Gouveia - AL, no período da pesquisa – o semestre letivo 2015/1, demonstravam 77 professores efetivos e 17 temporários, 32 técnicos-administrativos e 1.401 discentes, distribuídos em seis (6) cursos de graduação – as licenciaturas em Letras-Português (184 alunos), Geografia (210), História (229) e Pedagogia (198) e os bacharelados em Engenharia Civil (321) e em Engenharia de Produção (259).

*WhatsApp* e pelo sistema institucional de correspondência – o E-Compositor<sup>®</sup>, de modo a convidar os alunos a visitarem o *link* assinalado e responderem ao formulário<sup>4</sup>.

O questionário semiestruturado *online*, produzido por meio da ferramenta *Formulário Google (Google Forms)*, abarca uma identificação pessoal, por meio de respostas para os campos nome, gênero, curso de graduação, faixa etária, naturalidade, residência nos dias de semana, e itens tanto abertos quanto fechados, por meio de testes do tipo *matched guise*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua.

A escolha de informantes numa pesquisa sociolinguística de avaliação subjetiva está intrinsecamente relacionada à necessidade de captar respostas com a devida honestidade e seriedade. Em busca de dados confiáveis, excluíram-se da pesquisa respostas de discentes do curso de Letras-Português, haja vista estes já terem cursado disciplinas do escopo da Linguística, o que, provavelmente, enviesaria resultados, que estão relacionados às crenças e atitudes das variedades do PB.

Tomando o corte dos informantes de Letras, sobram alunos dos outros 5 (cinco) cursos do *campus*. Objetivou-se coletar, no mínimo, um informante-colaborador dos demais cursos, a saber: Pedagogia, História, Geografia e as Engenharias Civil e de Produção. Dos informantes-voluntários, apenas graduandos de Engenharia Civil não participaram da pesquisa, o que, de certo modo, é abonado pela presença de dois discentes da Engenharia de Produção.

Para esta pesquisa, valeu-se de um total de 8 (oito) universitários da UFAL - *Campus do Sertão*, como já observado, num universo de cerca de 1400 graduandos matriculados. Mesmo que este número não seja exaustivo, considerando o quantitativo global, certamente permitiu discutir hipóteses, bem como servir como motivador para outros estudos, certamente com uma gama maior de informantes. O uso do expediente de um questionário *online* corroborou, sobremaneira, para este intento, dada a possibilidade de diminuição do paradoxo do observador (LABOV, 2008) na aplicação do questionário, bem como uma facilitação de comunicação remota e salvaguarda das informações em banco de dados com extração em *Microsoft Excel*.

---

<sup>4</sup> O questionário *online* utilizado para a presente pesquisa está disponível em <[https://docs.google.com/forms/d/1P7AI0ee-V2pgQGhreuHP5vpmsHBef0dC\\_wKb5sVIWXU/viewform?edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1P7AI0ee-V2pgQGhreuHP5vpmsHBef0dC_wKb5sVIWXU/viewform?edit_requested=true)>. Acesso em: 09 de Abr. 2016.

Das variáveis sociais controladas, foram analisadas as variáveis *Sexo/Gênero* e *Naturalidade*. Destes, foram 5 homens e 3 mulheres de origens diversas, sendo 2 universitários baianos e 1 paulista, além dos 5 universitários naturais de Alagoas. Por falta de informantes voluntários de outras idades, a variável social *Faixa etária* não pode ser cotejada, uma vez que todos os colaboradores que se dispuseram a participar tinham entre 16 e 30 anos. Também se perguntou, na ficha do informante, o local de residência atual, sendo que apenas um dos oito informantes (Informante E) não morava no sertão alagoano durante a semana, mas no agreste alagoano, que perfaz uma viagem de entre 1h30min a 2 horas de comutação diária.

*In totum*, a estratificação dos informantes da pesquisa ficou assim configurada:

CÓDIGO	IDADE	GÊNERO	NATURALIDADE	GRADUAÇÃO EM
Informante A	16-30	Feminino	Alagoana	Geografia
Informante B		Feminino	Alagoana	História
Informante C		Masculino	Alagoano	Geografia
Informante D		Masculino	Alagoano	Engenharia de Produção
Informante E		Masculino	Alagoano	Engenharia de Produção
Informante F		Feminino	Baiana	Pedagogia
Informante G		Feminino	Baiana	Geografia
Informante H		Feminino	Paulista	Engenharia Civil

Quadro 1: relação estratificada dos informantes da pesquisa. Fonte: elaboração do autor.

Mesmo inesperada, por não ter sido este o intento inicial, após uma chamada para informantes apenas de origem alagoana, a participação de um informante não nordestino pode ser tomada positivamente, pois desvela a visão de não nativos acerca do falar da região analisada. Também os dois informantes da Bahia dão margem a discussões acerca do dialeto alagoano numa região de fronteira.

## **Teste de crenças e atitudes: apresentação e discussão de avaliações subjetivas**

### **Questões fechadas**

Esta parte do questionário trata de questões para avaliação subjetiva de combinações binárias de diferentes falares, tendo como aspectos inquiridos características

afetivas, cognitivas e atitudinais. Como modelo de questionário para esta pesquisa, valeu-se do estudo de Cardoso (2015). Como exemplo, para a primeira pergunta – *Acho a fala (modo de falar) do sertão alagoano...* –, os informantes deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 6. A justificativa para um número par de possibilidades está na busca pelo posicionamento concreto do informante, sem uma possível neutralidade com a marcação intermediária quando de uma quantidade ímpar de possibilidades. Como clarificação das legendas do questionário, se forem tomadas as variáveis X e Y, ter-se-á: 1 como *totalmente/muito X*, 2 como *X*, 3 como *parcialmente X*, 4 como *parcialmente Y*, 5 como *Y* e 6 como *totalmente/muito Y*. Para a análise dos dados, em vários casos, decidiu-se por condensar as respostas em dois blocos – 1-3 e 4-6, com o intuito de categorizar avaliações binariamente como positivas ou negativas.

Para a pergunta destacada – *bonita/feia*, as respostas dos alagoanos e dos baianos são muito positivas (Muito bonita – 3 respostas; bonita – 4 respostas). A avaliação menos positiva para o falar alagoano foi a da informante de origem paulista, que deu a nota 3 (*Parcialmente bonita*). De certa forma, ratificando a autoimagem positiva dos naturais nordestinos, mas uma percepção não tão positiva no plano da alteridade. Também desta dos informantes baianos e alagoanos a resposta da discente paulista para a propriedade *cantada/não cantada*. Enquanto a informante H considera que o falar alagoano não é cantado (nota 2), todos os outros deram notas superiores a 2 (nota 6 – inf. A e C; nota 3 – inf. B, D, E, F; nota 5 – inf. G).

Para *chiado/não chiado*, foram dadas respostas díspares: enquanto os informantes A, C e D deram nota máxima para *não chiado*, os inf. B e E, também de Alagoas, deram nota 2, sendo quase categóricos quanto ao chiado no seu falar alagoano. No total, 5 dos 8 informantes consideram que *o alagoano não chia*, crença possível se se compara com o falar baiano, que costuma realizar palatalmente os sons /tʃ/ e /dʒ/, ao contrário do típico falar de Alagoas – /t/ e /d/, por exemplo. Percepção também de uma das informantes baianas, que deu nota 6 (*não chiado*) e da informante paulista (Inf. H), que marcou nota 5.

Uma variável estilística cujas respostas se apresentaram equilibradas foi *lenta/rápida*. O grande número de respostas entre 3 e 4 (sete das oito respostas) expõe sobre a falta de univocidade dos informantes quanto ao ritmo prosódico da fala alagoana. Apenas a informante B foi taxativa e assinalou a fala alagoana como rápida (nota 5), mesmo assim, sem demarcá-la como totalmente rápida.



Por outro lado, as propriedades *claro/confuso* e *agradável/desagradável* dizem acerca da autoestima quanto ao falar alagoano. Tomando as respostas 1 a 3 das duas perguntas pode-se afirmar que tanto os alagoanos quanto as informantes baianas e paulista veem positivamente o falar alagoano: nenhuma resposta acima de 3 foi atribuída, o que demarca que estes a consideram clara e agradável. A informante paulista, por exemplo, considera o falar da região estudada *totalmente clara* (nota 1) e  *muito agradável* (nota 2). Interessante perceber que, por mais que seja positiva, mesmo falantes nativos nem sempre são tão satisfeitos quanto ao seu falar, uma vez que as notas 3 foram dadas pelos informantes B, D, E e F, dos quais os três primeiros são alagoanos.

Também as respostas para o quesito *importante/desimportante* apontam para uma avaliação positiva dos falantes. A informante B marcou a nota 2 e os demais alagoanos e baianos consideraram-na muito importante, atribuindo-lhe nota 1. Mais uma vez, a informante paulista considera parcialmente a importância do falar alagoano – nota 3, o que expõe que esta informante considera outras variedades geográficas mais importantes que o dialeto em questão, como, por exemplo, o seu próprio falar. Além de perguntas acerca da avaliação do falar alagoano, procedeu-se a questões de cunho social, como *sexo*, *escolarização* e *faixa etária*, sendo a nota 1 *Concordo* e a nota 6 *Discordo*.

Como respostas para *Os adultos falam melhor que os jovens?*, notou-se que, em geral, estes jovens universitários, todos entre 18 e 30 anos, não hierarquizam tal questão. Apenas os informantes E e F creem parcialmente nisso, enquanto os informantes B, G e H discordam parcialmente. Os informantes A, C e D são mais taxativos ao demarcar que adultos realmente têm uma fala mais elaborada que os adolescentes. Infelizmente, uma das lacunas do questionário foi não perguntar a idade real dos informantes, ou mesmo entender a limitação de um inquérito remoto, sem interação pesquisador-informante, o que poderia ajudar a perceber características de teor atitudinal ou cognitivo.

Por permear questões de gênero, especialmente num *locus* historicamente retratado como machista quanto o sertão nordestino, valeu-se da pergunta. *As mulheres falam melhor que os homens*. Crê-se que muito pode ser dito a partir das respostas dos informantes, levando em consideração seus gêneros. Assim, entre os informantes masculinos, todos alagoanos – C, D e E –, as respostas variaram e ficaram no grau intermediário da escala de 1 a 6. O informante C *discorda disto totalmente* e os informantes D e E *concordam* e *concordam parcialmente* com a afirmação. Entre as informantes alagoanas – A e B –, a primeira também

não consegue diferenciar tais falas, enquanto a segunda *concorda parcialmente*. Dentre os não alagoanos, todas mulheres, as baianas concordam e concordam parcialmente (informantes 6 e 7) e a informante paulista discorda parcialmente, o que demonstra certo equilíbrio acerca da questão e um grau de incerteza sobre a questão, uma vez que as notas 6 não demarcam, necessariamente, que estes consideram os homens como melhores falantes, podendo estes estarem sendo apenas taxativos quanto à discordância do argumento.

Tal parcimônia pode ser mais bem retratada por meio da questão *Todos os brasileiros deveriam falar como os alagoanos*, na qual se esperava notar se os informantes eram tolerantes acerca do modo de falar alheio. Todos responderam que *Cada um deveria falar como quiser/quisesse*, em vez de eleger o falar pernambucano, baiano, sergipano ou mesmo sulista como padrão. Também para detectar aspectos de normatividade linguística entre os informantes, perguntou-se se *A escola deve corrigir a fala dos alunos*. As respostas entre 1 e 3, que tendem à concordância, foram maioria – cinco ocorrências, enquanto no nível da discordância obteve-se uma resposta para parcialmente discordo, uma para discordo e uma para a discordância total, o que demonstra uma vinculação entre a instituição escolar e a norma padrão ou culta, como disse um dos informantes numa pergunta aberta discutida posteriormente.

Outro aspecto focado no questionário foi o grau de autoconsciência linguística. Para isso, se perguntou *Meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem convivo no lugar onde moro?* Por coerência, a informante H, natural de São Paulo, assinalou a nota 6, destacando a diferença entre as variedades diatópicas de origem e de residência atual. A surpresa fica quanto à resposta da informante alagoana 2, que marcou nota 5, justificando que a percepção da idiossincrasia é externa: *“As pessoas falam que eu falo diferente.”*. Infelizmente, a resposta do informante não permitiu entender a variável sociolinguística *indicadora* de tal diferenciação. Os demais informantes, baianas e alagoanos/as, marcaram notas 2 e 3 – dentre os alagoanos, houve duas notas 2 e duas notas 3, o que demonstra a auto vinculação ao falar local, sendo curiosa a ausência de notas 1, o que deflagraria um completo reconhecimento e identificação para com a comunidade de fala do informante.

## Questões abertas

Com objetivos de captação de graus de avaliação subjetiva, é mister o expediente metodológico de formulários que prevejam respostas abertas, com pedido de comentários dos informantes. Dos depoimentos, várias são as observações. Por exemplo, a informante A, alagoana, destaca a homogeneização motivada pela mídia: “*Sofremos muita influência da mídia, de modo que algumas pessoas adotam gírias não características da nossa região*”. Já o informante C é esclarecedor, mesmo que num nível laico sobre sociolinguística, ao assinalar a existência de variantes lexicais dentro do próprio dialeto alagoano, bem como diferenças fonéticas, *ipsis litteris*:

Sou natural de uma cidade localizada na região da zona da mata alagoana e resido em Delmiro Gouveia há três anos. Vim morar aqui por conta da faculdade. Ao longo desses três anos, notei no vocabulário local a utilização de algumas palavras que não são comuns da minha cidade de origem, além da presença de alguns sotaques. Pra mim, esse fato é algo bastante interessante, pois notei que mesmo dentro de um estado tão pequeno, territorialmente falando, há diferenças na fala (F.S., Inf. C).

Outro informante útil aos propósitos da pesquisa foi o informante alagoano D, que pontua uma autoavaliação linguística positiva, principalmente nos níveis lexicais e fonético-fonológico: “*Por ter acesso contínuo à escola, tenho um bom domínio das normas cultas da língua, então minhas pronúncias são sempre corretas, ou seja, busco falar com uso da norma padrão da língua, sem gírias nem neologismos*”. Assim, a visão estigmatizada de quem utiliza gírias e neologismos corrobora com a visão normativa do falante sobre a obrigação da escola de corrigir os alunos, embora o mesmo informante discorde de que adolescentes falam pior que os adultos, sendo que aqueles são o grupo social que mais costuma adquirir e disseminar inovações léxicas.

Também as informantes baianas demarcam uma autoidentificação dialetal: “*Não tenho a FALA diferente das pessoas de minha comunidade, a diferença está na organização das frases e pronúncias das palavras*” (inf. F) e “*sim por mais que seja parecido tem influência de outras comunidades vizinhas*” (inf. G). Igualmente a informante paulista destaca níveis linguísticos latentes no plano da alteridade – léxico, sintaxe e fonética: “*No sotaque principalmente, mas também no vocabulário*”.

Além do grau de auto identificação linguística, o grau de autossatisfação também pode ser quantificado. Daí a busca por relatos sobre a (in)coerência quanto à questão “*Eu tenho orgulho do meu jeito de falar*”, que responde a uma escala de 1 (*Não*) ao 6 (*Sim*). Dos oito

informantes, três foram categóricos quanto ao descontentamento por seu modo de falar. Essa clara falta de autoestima não foi justificada por dois deles, mas o informante D, alagoano, assim assinalou para sua nota 1:

Meu jeito de falar, embora seja do mais comum, é característico do meu regionalismo aliado ao meu senso crítico de estudante, então sempre busco um diálogo oral e/ou escrito de forma correta e coerente, com utilização de formalidade, independente de onde e/ou com quem esteja (Inf. D).

Ao relatar seu posicionamento acerca da questão, o informante C caracteriza sua fala como “*comum*”, “*distante da forma correta e coerente*”, o que, segundo se pode perceber, só se apreende na escola. Não à toa, este informante entende que a escola deve, sim, ensinar os alunos a “*falarem correto*”. A informante 7 encara orgulhosamente seu modo de falar, mesmo que a nota tenha sido “*apenas*” 3: “*sim a fala é muito importante na vida de uma pessoa pois é um meio de comunicação eu gosto do meu jeito de falar que expressa o que estou querendo*”.

Por outro lado, o aspecto identitário é a marca para os informantes que assinalaram notas 5 e 6. É o caso da informante paulista: “*Meu jeito de falar é uma das minhas características mais marcantes. Apesar de ser confuso as vezes é uma das minhas marcas*”, quanto de informantes nordestinos: “*Caracteriza minha identidade*” (inf. A); “*Gosto da maneira como falo, simboliza minha naturalidade*” (inf. B); “*Gosto do meu modo de falar. Embora tenha ‘minhas derrapadas’, no geral gosto da maneira que falo*” (inf. C). Quanto aos alagoanos, chamou a atenção a avaliação pessoal negativa do informante 3 acerca do uso da norma prescritiva, servindo como *mea culpa*, comum entre não linguistas, ao tomar metonimicamente a língua pela gramática normativa.

### **O falar alagoano em relação a outros dialetos**

A última parte do questionário diz respeito ao confronto do dialeto alagoano com outros falares. Para entender igualmente como ocorre essa autoidentificação e a percepção dialetal na região, perguntou-se: *Consigo perceber diferenças na fala de sertanejos dos estados de fronteira: Bahia, Sergipe e Pernambuco?*. Dos oito, apenas dois informantes alagoanos denunciam não notarem diferenças entre os falares (inf. C e E). A informante paulista pontua minimamente perceber diferenças entre esses falares e os outros cinco informantes deram notas entre 5 e 6, ou seja, confirmam ter clareza quanto à variação geográfica. Esta clareza se dá principalmente quando da comparação com o falar baiano, citado em todas as

respostas válidas como o dialeto mais perceptível, e pelo falar pernambucano, citado por um alagoano, pelas duas baianas e pelo paulista.

Sobre esta pergunta, tais respostas eram previsíveis, como a percepção nítida do falar baiano, tanto pela exposição midiática por meio de música quanto pela dependência econômica da cidade de Delmiro Gouveia - Alagoas para com a cidade de Paulo Afonso - Bahia, que fica a cerca de 40 km de distância e tem o dobro daquela população, fazendo com que o ponto de influência do sertão alagoano, em certos casos, seja esta cidade baiana e não Arapiraca (mais distante), por exemplo.

A análise também atenta para o depoimento dos informantes sobre a incapacidade de diferenciar os falares alagoano e sergipano, que pode ocorrer, hipoteticamente, tanto por rede social pouco densa entre estes informantes e falantes sergipanos, quanto porque os falares de Aracaju e de Maceió, linguisticamente, se assemelham na realização de certas variáveis fonéticas, como a não palatalização de certos fonemas, em detrimento do “chiado” baiano no [tʃ] e [dʒ] e na marcação pernambucana de [ʃ] para o <s> em coda silábica.

Outra pergunta que permite incorrer sobre percepções dialetais é: *Quando penso num falar diferente, vem à mente o falar...*, pois notam-se quais dialetos são tomados no plano da comparação e da avaliação. A hipótese de que muitos remeteriam suas respostas para o português brasileiro falado em outras regiões do país se confirmou: três informantes citaram o falar carioca (dois alagoanos e um baiano), possivelmente pela influência maciça da Rede Globo por meio da TV aberta e, como justificado por dois destes, por ser “*muito cantado, chiado*” (inf. A); um informante alagoano citou o falar paulista, não ficando claro se referenciando o dialeto paulistano ou o dialeto caipira interiorano; dois informantes se remeteram a falares de outros países, o que também se esperava, como “*Português de Portugal. Me chama a atenção o sotaque, de modo que mesmo sendo a nossa língua mãe, o português de Portugal quando falado se assemelha ao espanhol*” (inf. C) e “*espanhol um falar muito sensual*” (inf. G). O informante D acabou não citando nenhuma variedade dialetal específica, mas destacando tal diversidade entre as regiões do país: “*Com variação linguística, típico do regionalismo da língua de origem*”. Também para a informante paulista a variedade regional chama a atenção, mais uma vez pelo aspecto fonético-fonológico: “*Porto Alegre. Me chama a atenção a articulação do pessoal de lá*” (inf. H).

Ainda sob o prisma de reconhecimento de diferentes dialetos, tentou-se de modo mais direto captar os falares tomados com predicados positivos e, portanto, que são mais admirados por estes universitários nordestinos. No questionário, foram dadas as seguintes opções: *baiano, sergipano, pernambucano, outros falares do Nordeste, nortista, paulistano, carioca, mineiro, sulista*, com a possibilidade de poderem marcar mais de uma opção para a pergunta *Acho bonito o(s) falar(es)...* Para a opção *outros falares do Nordeste*, havia a possibilidade de escrever a qual outro dialeto o informante se referia. Do mesmo modo, havia o item: *Acho "feio" o falar (modo de falar) dos...*, com a opção de não preenchimento da resposta. Das respostas obtidas, confeccionou-se o Quadro 2 a seguir:

Informante	Acho bonito o(s) falar(es)...	Acho "feio" o falar (modo de falar) dos ...
A	Baiano, Sergipano, Pernambucano, Outros falares do Nordeste, Nortista, Mineiro	SEM RESPOSTA
B	Pernambucano, Paulistano	“Não acho nenhum feio”
C	Baiano, Sergipano, Pernambucano	Sulistas, cariocas e paulistanos
D	Baiano, Pernambucano, Outros falares do Nordeste, Carioca, Mineiro	Paulistanos
E	Baiano, Sergipano, Pernambucano, Outros falares do Nordeste	SEM RESPOSTA
F	Baiano, Pernambucano, Mineiro	SEM RESPOSTA
G	Pernambucano, Carioca	Mineiros
H	Baiano, Mineiro, Sulista	Cariocas

Quadro 2: preferências dialetais dos informantes. Fonte: elaboração do autor.

Como esperado, para a primeira destes itens, por exclusão, o falar nortista não foi marcado por nenhum informante. O falar baiano não foi marcado por dois destes, um dos quais baiano. O falar sergipano foi marcado por três informantes alagoanos, o que demonstra que estes dois falares não estão no campo do estereótipo tal qual o falar do nortista, uma vez que o falar mineiro foi citado por três informantes e outros falares do Nordeste por três alagoanos. Por outro lado, chamou a atenção que apenas dois informantes citaram o falar carioca como bonito, o que leva a crer que o chiado pontuado anteriormente não necessariamente é um indicador que leva ao prestígio linguístico, podendo, sim, ser tomado como estigma em alguns casos, principalmente por uma questão de sentimento de *nordestinidade*, algo que deve ser mais bem investigado em estudos posteriores.

Tomando analiticamente a segunda pergunta, acerca da feiura dialetal, diretamente ligada ao preconceito e à estigmatização sociolinguística, três informantes deixaram o

campo em branco e um informante alagoano declarou não achar nenhum falar feio. Dos quatro restantes, esse sentimento de nordestinidade fica claro no informante C, que marca positivamente apenas falares da região, mas estigmatiza “sulistas, cariocas e paulistanos”, o que não ocorre com os informantes D e G, que marcam, respectivamente, o falar paulistano e o mineiro como feios, mas consideram, ambos, o falar carioca como bonito.

## Conclusões

Julga-se importante entender a língua como um constructo ideológico e tentar, a partir dela, coletar e desmistificar o comportamento e as ações humanas de ordem subjetiva. Estudos sobre crenças e atitudes, que têm como resultados a demarcação de prestígio e estigma linguísticos e a compreensão das desigualdades socioeconômicas, são de extrema importância para a ampliação do debate sobre a heterogeneidade sociolinguística. No Brasil, numa zona de fronteira, carente de investigações neste nível de avaliação e com estes objetivos, espera-se que as reflexões aqui apresentadas sirvam de motivação para uma visão crítica e não neutra sobre o uso linguístico.

Uma prova a esta afirmação são as tendências de análises mais específicas e refinadas do ponto de vista do conhecimento acerca do informante e sua rede social, como por exemplo a consideração das comunidades de prática nos estudos de terceira onda da própria sociolinguística, segundo a qual a (des)valorização linguística precisa é considerada sob um prisma sociocrítico, na qual se pense que, em comunidade, importa não apenas *o que se fala*, mas *quem fala*, bem como *de onde se fala*, em termos geográficos, desmistificando o discurso do monolinguismo brasileiro em busca de variantes, variáveis e variedades linguísticas marcadoras de avaliações subjetivas. Como devir, espera-se ampliar o quadro de informantes junto a este público-alvo, de modo a ratificar e alastrar argumentos sobre a temática, e, quiçá, este banco de dados possa se tornar um retrato, tanto fiel quanto possível, dos *modi vivendi et cogitandi* da classe investigada.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro II:**

contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: Editora Federal Fluminense, 2008a, p. 311-333.

\_\_\_\_\_. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 2, n° 37, Maio/Ago. 2008b, p. 105-112.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n° 18/1, Jun. 2015, p. 102-131.

BLAS ARROYO, José Luis. Las actitudes hacia la variación intradialectal en la sociolingüística hispánica. **Estudios Filológicos**, n° 34, 1999, p. 47-72.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CORBARI, Clarice Cristina. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense**. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko et al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do "português brasileiro". **Signo y seña**, n° 28, 2015, p. 65-87.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Crenças e atitudes linguísticas - um estudo dialetológico. **Revista Gatilho** (PPGL/ UFJF. Online), v. 13, 2011, p. 1-20.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). Porto alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MOTA, Jacyra. Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência. In: FERREIRA, Carlota et al. (Org.). **Diversidade do português do Brasil**. Estudos de dialectologia rural e outros. 2 ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.



***Abstract***

*This paper reflects on beliefs and attitudes about language and variety in Brazilian Portuguese, especially the ones in the Northeast of Brazil. The informants taken into consideration are undergraduate students from the Federal University of Alagoas - Campus do Sertão (UFAL) – five of them are from Alagoas, two from Bahia and one from Sao Paulo. In order to quantify and analyze their responses, we used semi structured questionnaire from a set of stimuli through a Google Form to obtain these students' general evaluative perception of linguistic diversity.*

***Keywords:*** *Linguistic beliefs. Language attitudes. UFAL - Campus do Sertão*